

O Tronco

Bernardo Élis

Leia o fragmento do início da parte II de O tronco, do goiano Bernardo Élis, para responder a QUESTÃO 12.

(...) O sertão é triste e feio em julho, as queimadas borrando o céu de fumaça, a vegetação já amarelecida, crestada pelo sol e pelo fogo, as árvores despidas de suas folhas pelo rigor da seca. Pelos ermos e descampados o vento galopa seu febreiro bafo de morte, arrastando folhas secas, levantando a poeira fina, erguendo-a nos espaços em funis de redemunhos. (...)

Fonte: ÉLIS, Bernardo. O tronco. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 61.

QUESTÃO 12

De acordo com o fragmento de O tronco, é CORRETO afirmar que o autor apresenta

- (A) um ambiente estéril, com uso de onomatopeia.**
- (B) um cenário árido, com uso de linguagem poética.**
- (C) um espaço hostil, com uso de linguagem científica.**
- (D) uma paisagem agressiva, com uso de metalinguagem.**

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, advogado, professor, poeta, contista e romancista, nasceu em Corumbá de Goiás, GO, em 15 de novembro de 1915, e faleceu no dia 30 de novembro de 1997, na mesma cidade.

Bernardo Élis é um exemplo de literato engajado politicamente, comprometido com o seu povo e o seu tempo, que utilizou suas palavras para protestar contra a exploração do homem pelo homem. O Tronco é um ousado e excelente livro, um libelo da luta contra as oligarquias políticas rurais em Goiás no início do século XX.

A mensagem central da obra é que deve ser refletida profundamente. Com todos os desmandos dos coronéis, com toda a violência da luta pelo poder por parte das frações das classes dominantes, o povo não tinha representação e solução dos seus problemas pelas vias tradicionais. O título do romance refere-se ao tronco, instrumento de tortura de escravos, e utilizado para o sacrifício de opositores capturados.

O romance reconstrói *A Chacina do Duro*, também conhecida por *Chacina dos Nove*, que aconteceu em 1918, na cidade de São José do Duro – Dianópolis - TO, foi um exemplo de combate ao coronelismo pelo Estado. Esse conflito iniciou-se depois da intervenção do juiz Celso Calmon, enviado a mando do Deputado Brasil de Ramos Caiado, para investigar uma suposta irregularidade no desenrolamento dos bens de inventário de uma pessoa chamada Vicente Belém.

Essa irregularidade no inventário foi provocada por um integrante da família do coronel Abílio Wolney. O juiz Celso Calmon saiu diretamente de Goiás, em julho de 1918, na companhia de 68 soldados para resolver a questão. Após uma viagem de três meses, eles chegaram à cidade. O juiz, corajosamente, no início de dezembro daquele ano, foi até a fazenda buracão, que era de propriedade dos Wolney, para apreender os documentos do inventário de Vicente Belém.

O Tronco tem narrador onisciente, em terceira pessoa, cuja fala é contaminada pela linguagem de outros personagens da população. É possível notar no livro a transfiguração da fala popular e a representação de rico panorama geográfico, social e cultural do Centro-Oeste brasileiro composto com base em jagunços, sertanejos, vaqueiros, funcionários públicos apadrinhados dos coronéis.

O inventário

A trama é desencadeada pela reação da personagem principal, Vicente Lemes, diante de sua indignação com relação a esse quadro, como se lê já nas primeiras páginas do romance. Funcionário público zeloso da atuação dentro da lei, Vicente obtém seu emprego de coletor estadual por intermédio de seu primo Artur Melo, filho do poderoso coronel Pedro Melo. Apesar de parente remoto da família, discorda da atuação autoritária e truculenta no comando político da região. Ao denunciar irregularidades na execução de um inventário ligado aos Melo, Lemes provoca uma intervenção estadual no povoado, fato que ocasiona um enfrentamento entre coronéis, soldados e jagunços.

Ainda se fossem bens de pequeno valor, vá lá, que inventário nunca arrola tudo. Tem muita coisa que fica por fora. Mas naquele caso, não. Eram dois sítios, duzentas e tantas reses, cuja existência andava no conhecimento dos habitantes da região. A vila inteira, embora ninguém nada dissesse claramente, estava de olhos abertos assuntando se tais bens entrariam ou não entrariam no inventário.

Lugar pequeno, ah, lugar pequeno, em que cada um vive vigiando o outro! Pela segunda vez Vicente Lemes lavrou o seu despacho, exigindo que o inventariante completasse o rol de bens, sob pena de a Coletoria Estadual o fazer.

Aí, como quem tira um peso da consciência, levantou-se do tamborete e chegou à janela que dava para o Largo, lançando uma olhadela para a casa onde funcionava o Cartório. Calma, a Vila constituída pelo conjunto de casas do Largo. A manhã de maio, fria e neblinosa, estendia-se por sobre o povoado de casinhas caiadas de branco, por trás das quais erguiam-se tufos verdes de laranjeiras, abacateiros, jenipapeiros, bananeiras e outras plantações. Miúdo, o povoado minguava mais ainda naquela quadra do ano, com os habitantes pelas fazendas e as casas fechadas exalando tristeza e abandono.

Do conjunto, destacava-se na esquina a casa do Coronel Pedro Melo, com a calçada alta, o aspecto imponente; de um lado, o casarão acachapado sob o amplo telhado, o casarão da velha Benedita Fernandes de Melo, com o largo portão lateral. A modo que solto no meio do Largo, o sobrado do Coronel Pedro Melo, misto de prisão e depósito de farinha.

Sim. A casa do coronel, o sobrado do coronel, — pensou Vicente, que se lembrou que também no inventário havia a vontade do coronel.

Na igrejazinha a casa de Vicente andorinhas voavam. Na grotinha que cortava o Largo, alguns sapos coaxavam e almas-de-gato piavam, metendo seus bicos de grandes guias por entre as folhas molhadas de orvalho. Será que mexiam no cemitério? Sempre que mexiam no cemitério aqueles pássaros espantavam e saíam piando seus pios entojados pelo Largo.

Será que o juiz chegou? — perguntou Vicente a si mesmo, logo porém se convencendo do contrário. Naquele dia o juiz vinha do seu sítio, a duas léguas do povoado, para dar audiência, mas ainda não chegara. Estava tardando um tiquinho, decerto algum contratempo. Também Cláudio Ribeiro, escrivão do Cartório de Órfãos, por onde corria o inventário de Clemente Chapadense, esperava impaciente o seu juiz. Dia de audiência ele costumava aportar no Cartório às oito horas. Chegava, apeava, largava a mula roendo milho no cocho do quintal e vinha para o despacho. De tarde, findo o expediente, ia-se ele embora, para retomar na outra semana.

— O juiz hoje dormiu demais — disse Martim num sorriso.

— De vera — concordou Cláudio Ribeiro que lançou um olhar pela janela aberta.

(...)

Como Cláudio e Martim fossem solteiros, Januária cozinhava para eles, lavava e passava a roupa e cuidava do asseio e arrumação da casa. Preferiam uma velha. Se botassem dentro de casa uma mulher nova, que é que o povo do lugar não iria dizer!

A Comissão

Vicente Lemes recorre ao poder estadual, que envia o juiz Carvalho e grande força policial. Abre-se inquérito de apuração dos fatos. E desta vez esperava Vicente que a justiça seria feita, e não se repetiria o mesmo que acontecera no passado – e aqui há um flashback no enredo, mostrando outra comissão chefiada por juiz com aparato policial, mas tanto o juiz quanto os policiais sendo cooptados pelos poderosos Melos, de modo que tudo se resolveu a seu favor.

Agora, tudo parecia correr a favor da lei e da justiça. O grande número de soldados e as relações do grupo de Vicente com a capital fizeram Artur e seu pai se refugiarem na fazenda chamada Grota, onde formam um exército de jagunços. O juiz Carvalho vai à fazenda e faz acordo: Artur Melo dispensaria seus homens, entregava o processo de inventário, e o juiz liberaria o clã. Artur fecha o acordo e entrega o processo ao juiz, que retorna para Duro vitorioso nesta etapa. Mas nenhum deles pensava em cumprir o acordo. Artur enviou seus homens para outra fazenda de sua propriedade, na divisa com a Bahia; o juiz Carvalho aproveitou-se imediatamente disso e mandou os policiais irem à Grota prender os acusados.

Para todos os lados galopa o oceano da campina, da floresta ou do cerrado, por onde as estradas são tortuosos e indecisos riscos meio apagados na poeira e na lama. Itaberaí, Jaraguá, São José do Tocantins ficaram para trás.

Há mais de mês que a comissão nomeada pelo governo estadual para abrir inquérito sobre os acontecimentos do Duro marcha pelo sertão. Quando saiu de Goiás, a comitiva era pequena: o juiz Carvalho, o escrivão Chaves, o Alferes Enéias Altino Pexoto, um cabo, dois soldados e o camarada Alexandre. Mais ia crescendo à proporção que avançava. Em São José do Tocantins uniu-se a ela o promotor de justiça.

Por sobre montes, vales, rios e chapadões a comitiva ia no rumo do Duro.

O sertão é triste e feio em julho, as queimadas borrando o céu de fumaça, a vegetação já amarelecida, crestada pelo sol e pelo fogo, as árvores: despidas de suas folhas pelo rigor da seca. Pelos ermos e descampados o vento galopa seu febreiro bafo de morte, arrastando folhas secas, levantando a poeira fina, erguendo-a nos espaços em funis de redemunhos.

A Vila do Duro era um formigueiro. Carvalho, primeiro, distribuiu as autoridades pelas residências, dando-as por reempossadas. Valério Ferreira voltou para seu sítio, Cláudio Ribeiro foi para o Cartório e Vicente Lemes para a Coletoria. No sobrado do Largo, misto de prisão, mercado e depósito, aí se aquartelaram os oficiais. Por outras casas, distribuíram-se os soldados, entrincheirados em locais adequados, de modo a defender a vila de qualquer ataque.

Vicente Lemes ficou no casarão da sogra; não voltou para sua casa antiga, perto da igreja, na frente da grotta. Aí instalou-se o Juiz Carvalho.

Agora, em sua residência, o juiz ordenava o caos das bruacas, cangalhas, canastras, mesa e livros, ajudado do escrivão Chaves e pelo Cabo Ferreirinha. Arranjava o gabinete de trabalho.

Humildemente Artur voltava à carga, para dizer que a situação deles na Grotta era insustentável. Eram a bem dizer uns prisioneiros, com uma despesa imensa para sustentar os cabras, com o serviço das fazendas paralisado. Não produziam rapadura, nem farinha, não estavam vendendo gado. Pelo contrário, os vaqueiros estavam fugindo, deixando os retiros ao leu, quando não roubavam o rebanho.

— Se a gente quiser sair da Grotta, Carvalho manda a polícia nos prender. E será que podemos resistir ao cerco? Será que temos mais gente do que Carvalho? Para o governo tanto faz ficar com os soldados aqui um dia ou um século: para nós é que a demora traz complicação. Será que Carvalho não está esperando mais soldados? Aí não vamos poder resistir!

O Doutor Herculano interferia, mas o velho não dava ouvidos. Tinha muita consideração para com o marido de sua neta, respeitava-o muito, acatava seu saber, mas em matéria de luta, de coragem, isso ele não entendia de jeito nenhum. No fundo, achava que essa gente letrada eram uns pusilânimes, uns homens com jeito de mulher. Ora bolas, passar água-de-cheiro na barba!

A prisão

Na ação, a polícia mata o todo poderoso chefe do clã, Pedro Melo; Artur escapa escondendo-se na tulha de farinha. Hugo Mello é preso e trazido para a cadeia de Duro. O juiz Carvalho denuncia todo clã dos Melos e dá por finda sua tarefa, retornando por caminhos tortuosos para a capital, deixando o grosso da tropa em Duro para garantir a ordem. Ele sabia que Artur reagiria.

Os policiais, mal armados e sem munição sabem que não poderão sair vitoriosos. Os oficiais então constroem um estratagema: trazem os familiares de Artur da Grota e prendem os homens, deixando as mulheres – chefiadas pela matriarca Aninha, viúva de Pedro Melo – na grande casa do fazendeiro em Duro. A ideia é fazer chegar a Artur a informação que no primeiro tiro de um assalto à vila, a polícia mataria todo o clã: Severo mataria Hugo Mello; Eneias mandaria matar os homens presos; e Mendes mandaria matar as mulheres.

— O juiz pode fugir. É um funcionário público que veio pai! tocar oinquerito. Mas conosco a música é diferente. Somos moradores, somos de famílias radicadas aqui há muitos anos, somos os principais responsáveis por uma luta contra a violência de Artur, contra esse sistema que os Melos têm de não respeitar o direito dos outros.

Vicente não se convencia. Na verdade, depois da morte do velho, a situação de Artur melhorara. Agora a polícia é que aparecia como criminosa: o juiz traindo um trato, soldados matando o velho entregue e roubando o cadáver. Contudo, Vicente tinha vergonha de convocar o povo para abandonarem o Duro, para largarem aquela guerra besta. No fundo, sempre uma esperança de que Artur não atacasse, um receio de enfrentar o desconforto de uma nova vida no Sul. Deixasse o barco rolar. De hora em hora Deus melhora.

— Acho que não é preciso sair — arrematava Valério. — Temos soldados, temos amigos. Vamos escorar esse Artuzinho, gente Se ele tem coragem para atacar, porque não vamos ter coragem de defender! Nem tanto medo, uai!

Cedinho, Valério Ferreira veio acordar Vicente Lemes, e foi logo contando:

— Você já sabe? A polícia recolheu à casa do finado Pedro Melo o pessoal de Artur. — E explicou que lá estavam a velha Aninha, Doutor Herculano Lima com mulher e filhos, Tozão e família, Damião de Bastos e Joaquim Alves Leandro com família. Não era possível. Ferreira estava brincando. Era um daqueles pegas tão comuns.

E Vicente indagou:

— Uai, mas esse pessoal não estava na Grotta?

— Pois é isso. Esse pessoal estava na Grotta, mas a polícia trouxe todo mundo para cá. A polícia trouxe eles como reféns. Para impedir um ataque à Vila.

O assalto

Artur organiza uma grande força contando com o apoio de grupos de jagunços, que efetivamente, a partir de então, passam ao comando porque do bom resultado da ação sairiam enriquecidos saqueando todas as fazendas das redondezas e roubando todo o gado. Artur passa então a prisioneiro de seus próprios jagunços.

A narrativa do assalto é o ponto alto de todo o romance. Obviamente as forças policiais são batidas. Mendes não cumpre a matança das mulheres por intervenção e exigência de Vicente, mas no quartel de Eneias os presos são assassinados, e Severo manda matar Hugo Melo, antes dos policiais que sobraram do embate fugissem, sempre perseguidos pelos jagunços.

Vicente é instado a fugir, junto com os companheiros que não foram mortos, pela matriarca Aninha, a cuja guarda deixou a mulher e filha. Segue-se então a narrativa desta fuga e as reflexões de Vicente que deveria começar vida nova, no sul de Goiás. Enquanto a região de Duro era saqueada pelos jagunços e ficava agora sob o poder o coronel Artur Melo com o que lhe sobrou da família.

Como Vicente emburrasse, sem dizer nem sim nem não, a velha prosseguiu:

— Você saindo, você salvará a vida de seus companheiros. Você ficando, eles vão ser mortos. Isto não tem meu-pé-me-dói... Sei lá! Tu ficando, menino, até as mulheres é capaz que elas entrem na dança...

Esse argumento abalou Vicente. Isso era verdade. Artur vingar-se-ia dos homens e não das mulheres. Se ao entrar na Vila só encontrasse mulheres, ele se encheria de glória, se envaideceria e não faria mal a ninguém; mas se pegasse algum homem aí a coisa seria outra. Sua vingança sobraria para as mulheres, porque elas iriam interceder pelos maridos.

(...)

Vicente sentia na alma o peso da desgraça, sentia a dor dessa derrota, dessa partida para um lugar ignorado. Como seria sua vida dali para diante? Como seria o dia de amanhã? Ele nunca saíra do seu meio, da roda familiar, e agora era como enfrentar o oceano largo numa pequena jangada. Teria que reiniciar a vida, como se fosse um chegante, um baiano, um piauiense.

Baianinho dizia coisas desconexas, não tardaria a morrer. Uma tristeza imensa se apoderou de Ferreirinha. Logo aquele homem que nada tinha com o barulho é que ia morrer! Ferreirinha ali estava para ganhar dinheiro e fazer seu curso de medicina no Rio; Tonhá ali estava para furtar; Enéias viera para vingar os parentes mortos por Abílio Batata; Mendes de Assis e Severo vieram no exercício da profissão; Artur Melo combatia para conservar o direito exclusivo de oprimir e explorar o próximo; Vicente Lemes e Valério Ferreira lutavam porque era impossível viver sem o mínimo de liberdade que permitisse o exercício da profissão de comerciante, lavrador, criador ou burocrata. Fomentando a luta e tirando partido dela, estavam os coronéis que dominavam a política do Estado de Goiás, homens do mesmo estofo dos Melos, com seus mesmo hábitos e costumes, homens que criaram e aqueceram até ontem, no seio, os Melos e que hoje os combatiam com o mesmo impulso que um animal morde e escoiceia o seu igual de tropa na beira do cocho de milho. Contudo, alguma coisa de bom ia restar. O sangue ingênuo e heroico não correria inutilmente. Depois de tudo aquilo, Duro não seria o mesmo, tinha que transformar-se, tinha que modificar-se.

CONCLUSÃO

A Chacina do Duro, também conhecida por Chacina dos Nove, que aconteceu em 1918, na cidade de São José do Duro – Dianópolis - TO, foi um exemplo de combate ao coronelismo pelo Estado. Esse conflito iniciou-se depois da intervenção do juiz Celso Calmon, enviado a mando do Deputado Brasil de Ramos Caiado, para investigar uma suposta irregularidade no desenrolamento dos bens de inventário de uma pessoa chamada Vicente Belém.

Essa irregularidade no inventário foi provocada por um integrante da família do coronel Abílio Wolney. O juiz Celso Calmon saiu diretamente de Goiás, em julho de 1918, na companhia de 68 soldados para resolver a questão. Após uma viagem de três meses, eles chegaram à cidade. O juiz, corajosamente, no início de dezembro daquele ano, foi até a fazenda buracão, que era de propriedade dos Wolney, para apreender os documentos do inventário de Vicente Belém.

Em O Tronco, Bernardo Élis estabelece uma estreita aproximação entre romance e história. Na obra, a história não está presente como relato de costumes locais, aproximando-se da crônica ou de uma mera reportagem.

Esse entrelaçamento entre o fazer literário e o fazer histórico – ambos como mesmo objetivo: compreender a realidade goiana dos primeiros decênios do século XX – não tem sua significação restrita ao engajamento do escritor e à razão de homens e mulheres serem submetidos às condições degradantes de sobrevivência.

O romance vai além, e se presta a entender essas degradações através da estrutura da sociedade goiana daquele instante, de suas contradições, e de suas transformações: é o externo tornando-se interno na obra.

Logo, a partir da relação entre Literatura e História, O Tronco torna-se exemplo da superação do fatural, não se atendo ao documento, executando uma reinterpretação profunda do funcionamento e das transformações sofridas pelas estruturas sociais, ilustrando literariamente a incorporação de Goiás ao cenário econômico nacional e internacional.

AS TOCANTINAS – CÉLIO PEDREIRA – UFT

“Conjunto de poesias que falam de meu lugar, de minha gente, de meu povo. Fala do nosso Tocantins, dos nossos hábitos, de nossos costumes. São poemas voltados para o nosso lugar.”

Leia os três poemas da obra *As tocantinas*, de Célio Pedreira, para responder a QUESTÃO 14.

Meio dia

**Melhor trilha de morrência
nessa beira do rio
é estar-se rede
de quieto balançar.**

**Os calangos no quintal
a rala sombra do pé de mamona i
móveis a pulsar a terra.**

**A vida esconde
numa pausa morna
breve e boa.**

**Silêncio melhor para o nada
feito querer ausente
e a cidade dizendo um solapino.**

Canoeiro

**Um olhar
fica na margem do rio.
Outro olhar vai
alcançar a possibilidade
de semear estrelas
acordar horizontes.**

Pinguela

**Antes da gente
era a curva do rio
cuidando as lonjuras.**

**E a gente
simples andorinhas
passíveis de azul
na tarde veloz.**

**Bulindo em correntezas
como fosse hábeis sem rumo
ou esquecidos dele.**

**Ainda dissipa o dia
e seu aroma desenterra-me
em conta-gotas
nas inumeráveis utopias
que descuidei nosso rio.**

**Fonte: PEDREIRA, Célio.
As tocantinas. Palmas, TO:
Universidade Federal do
Tocantins/EDUFT, 2014.**

A partir da leitura dos três poemas, analise as alternativas e assinale a opção INCORRETA.

(A) O eu-lírico expõe as dores da desilusão amorosa e da solidão.

(B) O eu-lírico revela sua relação com o rio e com as coisas simples do cotidiano.

(C) O poeta constrói imagens simbólicas e estabelece pontes com o vivido ou imaginado.

(D) O poeta faz percursos da memória, entrelaçando memória pessoal e memória cultural.

Cajuí

**Acende um sol no cerrado
o olho é um arado
de plantar você.**

**Belo badoqueiro encurvado
o olho cega-machado
de enxergar você.**

**Quero
do roxo ipê amarelo
enfeitar você.**

**Nem é melhor do que ninguém
é daqui
doce cajuí.**

O AUTOR

Poeta, escritor, músico e médico, professor universitário, Célio Pedreira é um artista plural, cuidadoso com os assuntos da vida, comprometido com a condição humana.

Meninos da Ponta da Rua

**Solzim rude
e nos baldios
o mato rindo
trepando adobes
desejando o oitão.**

**Tarde fazedeira de nada
e um céu calado
cunhando o dia nos quintais.**

**Rebocos assistem a rua
sovinando cores
e tontos de luz.**

**O cortejo oculto
das formigas de fogo
desenfiando a terra.**

**A vista alcança
perto do ermo
um rio
e os meninos vão.**

A OBRA

Os poemas de As Tocantinas falam sobre gente de um lugar, sobre paisagens suspensas no tempo de antes e sobre as rachaduras da alma. As fotografias imaginárias são tiradas nos interiores do mapa e do homem.

A obra fala sobre os hábitos e tradições do estado do Tocantins, poemas voltados para os povos e costumes da região, seguem como o curso de um rio extinto e com eles aprendemos que vigiar o entardecer vermelho é a sina do canoeiro.

Cá

Enquanto houver silêncio

haverá poesia

e gente

cavoucando o dia.

A poesia sensorial, a natureza, a simplicidade, as miudezas, como inspiração poética, à moda de Manuel de Barros. Enquanto este recorre às águas lodosas do Pantanal, Célio Pedreira recorre às areias, à esmeralda líquida dos rios cristalinos do planalto.

Arrancho

**Dia que a gente precisa ser ipueira
lavar as minúcias
depor as margens
esconjurar estreitos.**

**Dia que precisa vir sem divulgar
perder tempo em nada
esbarrar nos derradeiros
encontrar nós.**

**Dia de bestagens
alagar os efeitos
malinar nas gasturas

precisa.**

Chá de Suficiência

**Recolha uma beira de córrego
deixe descansar a sombra para
curtir.**

**Tome um punhado de caminhos
desses bem indiferentes
e põe a coar em almas de algodão.**

**Ao cerrado branco
junte tudo num vão de luar
e deixe descansar
até o amanhecer.
Sorva em jejum.**

O Sorriso da Pedra

**Calcula um caminho angular naquela linha
ninho de pousar os passos
guarnecer os bambos
e olhando em só
cobiça o preciso.**

**Fica a observar atentamente o bando
riscando rasantes astutos
enviando assobios em vem.**

**E vai
afoitar-se nos rudimentos de sustentar
além das linhas que esticam o ninho
quando desamparam as asas e repentinamente o chão
a pedra
o riso decrescente
de principiar andar.**

**Representação do sertão provido de primavera em
Goiaba No Quintal Alheio, Malícias e Jazzmin
contrasta com as agruras de um cerrado seco no vento e no
intento de ser humano.**

Jazzmin

**Um improviso a suprimir silêncios
abre subterrâneos de varandas
e vara no itinerário do dentro
em desgoverno bom de ser.**

**Agasalha florzinhas em arpejos
e a voz dos haveres brandos
no colo quieto dos aromas
faz morada nos graves
pendurando a tarde no tempo.**

Malícias

Mimosa no artifício dos ermos
a semear planura nos vãos
arregala-se suave e nascente.

Uma maciez se espinhos a lhe guardar
o que sejam ardis
astúcia de flor
e nem sangram.

No caminho das fontes
equilibrando os enleios
crescem-me em bandos belos
umas cantigas
outras segredos.

Representação da memória dilapidada pela ausência que insiste em sobreviver ao fogo da estiagem. Na boca da noite, os versos-breu contam sobre o vaqueiro tangendo boi e outros cantos de dor.

Cantiga de Trabalho

**Na memória da pedra canga
o labirinto da terra fez
irmãos na dor.**

**No latifúndio a terra sangra
verte esperança o suor na tez
cantos de dor.**

Escavações

**Ermo sertão
na sombra da tapera
onde adormece o tempo.**

**Um graveto agudo
vai cavoucando a carne
encontra um gemido
quase um caminho
que dá no lajedo d'alma.**

**Não é permitido romper
é necessário quebrar
o jejum dadivoso
da saudade
que encerra intacta
sua voz
olhar
afeto
ausentes.**

A linguagem como matéria poética: Metalinguagem/Metapoesia

A Primeira Vez que Sonhou

**Deu de alcançar as cumeeiras
olhos em ramas
cuidadosamente postas
no íngreme das horas.**

**Ilusão vasta
delicada renda
de tecer asas.**

**Pulsavam chãos
e a raiz
rompia o gesto
mas não alcançava palavra.**

**Janela e longe eram iguais
aparavam alvos
itinerários
como sorte de quem trilha
o nascente imaginário
da alma tenra.**

Vaqueiro de Estrelas

Ouvi dos amigos
que um homem descabia-se
de tanta estrada
que bebido em força
também sofria
de poesia.

O soube adiante
abrindo estrelas ao sol
para desejar
a noite passando clara
e a gente tatear
onde brota o dia.

Disseram e viram
que capinava manhãs
e fazia sementes
onde havia caminhos
travoso como caju novo
doce feito parto.

Poesia intimista, reflexiva, de questionamento existencial.

De Aprender a Morrer

**À bica do ermo
assiste feito arado quieto
como a contemplar capim
como nem necessário ser.**

**O sabor do calado
aquele turvar de conversa
confiava-lhe horas severas
com delicadeza de andar.**

**Era sempre assim ao sair de casa
a cancela misturando os rumos
os rumos se enlaçando no andar
desmerecendo as normas
desviando o olhar (...)**

De um Tempo Onde Serão Necessárias as Cinzas

**Ressoa cá dentro um arado
revolvendo-me
quase silêncio
meio aço.**

**Segue um rubor de sementes
latejando-me
quase abrigo
meio pólvora**

**Só desejo agora uma tocaia
acuando-me
quase alçapão
meio rebento.**

**Tento desobedecer aos sonhos
mas continuam ávidos.**

Poesia social, solidária, engajada

Assentamento

**A bandeira no rancho
aprende um sertão
além das geraes
na lida coletiva das candeias
ensinando que o junto
clareia mais
que é diverso o caminho
e o verso é colher.**

**A mão no úbere
tateia o um
ordenha manhãs de muitos
onde a teimosia
não se mede em alqueires
mas em sonhos.**

Cerrado Queimado

**As cinzas
ardem a manhã.**

**Do inverso
faz-se o sol
como noite
sem madrugada.**

**Gemem
as raízes
por suas sementes.**

**Órfão
um vento sem norte
remove o luto
para não dizer
morrer.**